

A DESCOBERTA DO CORPO*

C. HIPÓLITO-REIS

Serviço de Bioquímica. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Porto

RESUMO

Neste trabalho reconhece-se, inicialmente, que o *corpo humano* tende a implicar-se na *actualidade* da tríade complementar em que se evidencia (*corpo, alma e espírito*). A sua *descoberta* é, por isso, um processo cognitivo difícil e inquietante.

No trânsito da *notícia* que se tem do *corpo* para o desiderato do seu *conhecimento*, a possibilidade da *descoberta* realiza-se na aventura do seu *estudo* em que os caminhos religiosos, artísticos e científicos aparecem distintamente como modos particulares de evidência.

Sendo essa descoberta geralmente confiada, de modo especial, à medicina, importa que esta hoje se pronuncie sobre o saber adquirido.

A saúde e o seu eventual restabelecimento depois da doença são correlativos do conhecimento do corpo! E para que as alegações dos *direitos do corpo e sobre o corpo* sejam mais do que fantasmáticos exorcismos – conclui-se – necessário será considerar correlacionadamente o conhecimento do corpo como vivência, em particular, do ser, do ter e do estar.

Palavras-chave: *corpo, alma, espírito*

* Texto elaborado a partir de uma comunicação com o mesmo título apresentada, em 25 de Janeiro de 2000, na 2ª Jornadas do Milénio, promovidas pela Escola Superior de Tecnologia, de Setúbal.

SUMMARY

THE DISCOVERY OF THE BODY

This paper initially recognises that the *human body* tends to implicate itself in the *current* triad in which it gains evidence (*body, soul and spirit*). Its *discovery* is, therefore, a difficult cognitive process.

In the *conveyance* of the message that one has from the *body* to the desideratum of its *knowledge*, the possibility of *discovery* fulfils itself in the adventure of its *study* where religious, artistic and scientific paths distinctively appear as modes of evidence.

As discovery is usually entrusted on medicine it is nowadays important that the latter should pronounce itself on acquired knowledge.

Health and its re-establishment after illness are correlated with the knowledge of the body! In order for the allegations regarding the *body's rights over the body* to be more than mere phantasmagoric exorcisms, it is necessary to consider the knowledge of the body as an experience, particularly, of existing, of having and of being.

Key-words: *body, soul, spirit*

INTRODUÇÃO

A consideração do *corpo humano* (do *corpo humano vivo*) apenas é procedente se as suas referências complementares à *alma* e ao *espírito* forem mantidas e observadas.

A *descoberta do corpo* é um difícil processo cognitivo, inquietante, realizado com intermitências, de carácter biográfico e histórico, possível depois da *notícia* do mesmo, e logo projectado para o *estudo* que pode possibilitar o seu *conhecimento* e a saúde ou a doença.

Introdutoriamente, penso dever apresentar o projecto que proponho para este ensaio e os motivos por que o faço.

O conhecimento e a linguagem são bens de cultura, e não devemos ser agora tão ingénuos que admitamos bastar um *discurso* coerente, *palavras* razoáveis e *factos* estabelecidos, mesmo que, em qualquer dos casos, de acordo com normas bem aceites, para que o conhecimento se espelhe nas palavras e as palavras espelhem o conhecimento.

Ao falar do *corpo humano* devo dizer que falo do *corpo vivo*. Chama-se *cadáver* (carne dada aos vermes) ou *restos mortais* (despojos em vias de mineralização) ao que fica *visível* do ser humano após a sua morte. Depois vêm as cinzas...

Torna-se claro que o *corpo*, realidade móvel e movente, temporalizada e espacializada, não pode ser compreendido sem a sua referência à *alma* (como forma e *fôrma*) e ao *espírito* (o princípio do movimento).

Compreende-se facilmente que a descoberta de qualquer dos *elementos* da tríade corpo-alma-espírito tenha alegrado os seus autores, mas também a todos inspire temor, como sempre tem acontecido... Na verdade toda a descoberta é traumática e sempre lhe anda ligado o perigo da dissociação. Ora, uma vez consumada, a exposição de qualquer daqueles três *elementos* desoculta (deformantemente) o *ser humano*.

A *descoberta da alma* tem deixado rastros significativos em que se destacam, por exemplo, Aristóteles (384-322 A.C.), Shakespeare (1564-1616), Freud (1856-1939) e Jung (1875-1961).

A *descoberta do espírito* foi deixando referências desde os Gregos pré-socráticos até aos nossos dias, passando por Kant (1724-1804).

A *descoberta do corpo* patenteia-se desde a Pré-história, nas gravuras e esculturas que chegaram até nós, e tem vindo a ser feita, até aos nossos dias, com as elaborações significativas da bioquímica e da biofísica, passando por Hipócrates (c. de 460-370 A.C.), Galeno (130-200) e Vesálio (1514-1564).

Álvaro Ribeiro ensina que *o espírito humano, que no nosso idioma tem o nome de razão é um espírito animado que vai a pouco e pouco desenhando a máscara, não só no rosto mas em todo o corpo, máscara ou pessoa através da qual se exprime durante a vida inteira*¹.

À *Medicina psicossomática*, que, apesar de tudo, tanto contribuiu e tem contribuído para o avanço dos nossos conhecimentos sobre o homem que sofre e para o seu dedicado acompanhamento (ou terapia), entendo ter sucedido já a *Medicina Antropológica* que mais abrangentemente pode esclarecer o sentido da existência

humana e os padecimentos do nascer, viver e morrer..., bem como libertar o homem para a assumpção da sua condição e do seu destino².

A relevância da *descoberta do espírito* está patente no livro de Bruno Snell³ com este mesmo título e a da *descoberta da alma* no livro de Jung intitulado *O Homem à Descoberta da sua Alma*⁴.

Um livro de José Gil, *As Metamorfoses do Corpo*⁵, aponta-nos o processo da descoberta do corpo.

Bruno Snell tem o cuidado de mostrar que do espírito só se pode falar *metaforicamente*. O mesmo é dito por Jung acerca da alma e por José Gil a respeito do corpo.

Da descoberta do corpo não se pode falar como quem fala da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral, nem outrossim como quem fala da descoberta da lei da gravidade por Newton...

O Brasil é para nós, aqui, uma realidade externa ou estranha... A gravidade, é certo, relaciona-nos com a terra e com os outros astros, que nos são externos, e sujeita-nos, pelo corpo, mas permite-nos conhecer os nossos próprios esforços e justificar as nossas quedas.

O nosso corpo, porém, é algo de cada um de nós mesmos... Anda conosco!

O conhecimento de nós e dos outros, fugidio, como elos de corrente constantemente em movimento, escapa-se sempre para o refinamento do *permanente*, do *incondicionado* e do *verdadeiro*, na fuga do *particular* para o *universal*, do *casual* para o *necessário*... E, apesar de tudo, ele também assim seria - temos evidência bastante para o pensar e dizer - quando *na época arcaica não existia ainda a consciência do carácter do homem individual*³, como também nos aconteceu na vida intra-uterina e mesmo nos primeiros tempos depois do nascimento!

Não serei eu a transmitir-vos a opinião ingénuo de que o acesso da nossa mente à realidade é um acesso garantido e fácil.

O conhecimento lida com *sinais*, e a *adequação*, a *verdade* e a *certeza* serão sempre por correspondência...

O conhecimento supõe a formalização da *realidade* como *objecto*. O homem da *Modernidade*, gerado no Iluminismo, exigiu a *objectividade*, para construir a *ciência*, não só no posicionamento epistemológico mas também operacionalmente, como Monod⁶ nos lembra, com magnífica lucidez, quando fala do *princípio da objectividade*...

Porém, ao colocarmo-nos nessa posição - de *sujeito versus objecto do conhecimento* -, inutilizamos a plenitude da realização tentada no conhecer, porque o acesso resultará sempre incompleto, parcial.

O acesso à realidade faz-se pela *corporeidade* do ser

humano. Aí o corpo é realmente *um transdutor de signos*, como aponta José Gil⁵...

Este é um aviso que vale também para o espaço da *metáfora* e da *metonímia*! Chamamos *metáfora* à operação e à figura em que um *objecto* designa outro mercê de comparações subentendidas. Chamamos *metonímia* à operação e à figura em que a parte é tomada pelo todo ou o todo pela parte.

O corpo aparece, então, com carácter *impreciso*, *vago* e muitas vezes *difuso*... Por isso também que o tenhamos sempre como fonte permanente de novidades e termo inevitável da adequação...

Da condição apontada resultam também as razões da necessidade da *analogia* como processo cognitivo.

Assim se pode recuperar, para uma antropologia global, a ideia (hipótese e proposta) de ser o corpo um *significante flutuante*, como Levi-Strauss apontou e José Gil⁵ nos dá notícia.

Na *zona* da objectividade, a inacessibilidade do *objecto* situa também o sujeito no mundo dos *signos*, por onde apenas lhe será possível, quando muito, estabelecer as *relações de estrutura significantes* quando os próprios laços de *causalidade*, *sincronia*, *diacronia* e *implicação* ficam desatados... O dinamismo da *analogia* fica também perdido.

A atrofia da afectividade como cimento da alma torna-se inevitável.

Cortadas as relações vivas com o mundo, com os outros, consigo mesmo e com Deus, a *individualização* aparecerá, impediendo a *individuação*. O *narcisismo* torna-se mesmo uma fatalidade⁷. A *sedução* tenderá para ser expediente privilegiado da comunicação ao serviço da tarefa privada de satisfação dos apetites. A informação dá lugar à *publicidade*. E, na confluência do *ludus*, haverá cada vez menos *ágape* e cada vez mais *éros*, o que desequilibra o próprio ser, pelo desequilíbrio da afectividade como *modulador global* integrante da *multiplicidade de segmentos* em *seqüências individuadas*⁵.

O corpo pode, então, ser evidenciado não só como o que *define o espaço em que a metáfora tem origem* mas também como *aquele* (espaço) em que a metonímia funciona⁵.

Do corpo que se descobre começamos por ter *notícia*, histórica e biograficamente, em primeiro lugar do dos outros e depois do nosso. Mesmo nos sonhos, o conhecimento do próprio projecta-se quase sempre num outro.

No caminho saído da *notícia*, que conduz à *descoberta*, conhece-se a *auto-imagem*, como dinâmica da *fantasia*. A saúde e a doença têm aqui uma estância que influenciará toda a *ontogénese*, consciente e inconsciente. O estudo

permitirá, então, repensar o próprio ser humano (o repensar-se) fornecendo-nos a possibilidade de novas *imagens* e, em sucessivos pulsos dessa mesma energia *criacionista*, ascender a formas superiores do saber e ao gozo da sabedoria.

NOTAR O CORPO

A consciência do corpo tende a *implicitar-se* no viver humano dificultando a sua *descoberta*, e é o remanescente, como *notícia*, que possibilita a *identidade* do ser humano e a comunicação.

Enquanto o conhecimento humano não ultrapassa os níveis empírico e técnico, o corpo implica-se e oculta-se de tal modo que a sua descoberta se não torna claramente possível.

A simples *notícia*, como percepção, não é *entendimento* nem *apercepção*... mas, no entanto, é conhecimento realizado ou expresso.

A notícia do corpo acompanha toda a existência humana, deixando a consciência reflexiva na sombra, mais ou menos oculta.

A notícia do corpo acompanha o conhecimento empírico e técnico. Das respectivas experiências ficam-nos os *fantasmas*, que são, psiquicamente, as reais *impressões* dos sentidos⁸.

A enigmática impressão de mãos nas grutas pré-históricas^{9,10} permitem-nos hoje perceber a *notícia*! Algumas gravuras rupestres e as pinturas encontradas em certas grutas implicam o corpo humano. Este some-se muito mais no movimento do que o dos animais nas suas representações, que também são mais frequentes que as do corpo humano. Em gravuras rupestres da Gruta da Addaura, de 10 000 anos A.C.¹¹, podemos reconhecer como o corpo se implica no movimento, tal como nas pinturas de Gundabooka, na Nova Gales do Sul, na Austrália¹⁰.

A notícia do corpo é-nos dada frequentemente, a todos nós, muito mais pela negativa do que pela positiva. *Notamos* o corpo quando nos sentimos doentes, mas habitualmente não o descobrimos enquanto não *realizamos* a doença e reconhecemos o seu processo orgânico ou sistémico: a úlcera, o tumor, o eczema, etc..

Descobrir a doença é descobrir o corpo e, por isso, muitas pessoas resistem ou tentam resistir à consulta médica e ao tratamento, mesmo quando estes plenamente se justificam e racionalmente se aceitam.

Para a escala da simples notícia remete também a implicação que sempre se verifica quando o ser humano se empenha muito ou entusiasmo nas tarefas ou exercícios a que se dedica, das mais simples às mais complicadas. É, contudo, na literatura que, pela própria matéria de obra de

arte, mais claramente se encontram testemunhos dessa implicitação, cujos documentos poderiam ser aqui apresentados, se não houvesse, para tanto, falta de espaço.

A *impressão* aparece mais intensa quando a dor aflige o ser humano^{12,13}. Está dito que *provavelmente a dor é a única coisa que nasce directamente do corpo, e que portanto é opaca - como quase tudo que nasce do corpo, e que tem contudo dentro de si a lucidez do mais humano dos argumentos. E, também, que quem passa pela dor denuncia a injustiça da humanidade toda. O amor pode não ter lógica ou pode ter apenas uma pequena lógica, porque quem ama procura quem ama, enfim, o corpo procura outro corpo, mas quem sofre a dor procura pela justiça, procura pelo universal*¹³.

Aqui, também por conveniência do espaço, não desenvolverei as consequências do *dimorfismo sexual* do corpo humano, designadamente no que respeita aos próprios processos cognitivos. Não devo, porém deixar de lhe fazer uma referência. Devo apontar, que, no campo da sexualidade, múltiplos exemplos se harmonizam no sentido da implicitação/explicitação de que venho a falar¹⁴. O assunto é complexo, mas sempre direi que as pulsões genitais evocam os problemas do amor, e que a maior parte das vezes a actividade amorosa aparece implícitante do corpo. Os problemas do ciúme podem ser esclarecidos nessa perspectiva, tal como a insatisfação que se segue à genitalidade sem amor, de que a poesia portuguesa modernista apresenta documentação excelente, que apresentarei noutra oportunidade.

A afectividade pode também implicitar o corpo próprio por iluminar o outro corpo, ou o corpo do outro.... como o espelho valoriza a imagem mais do que o objecto, e só permite a valorização deste pela externa referência! No primeiro caso, a *comunicação* e a *comunhão* tornam-se possíveis; no segundo, o vazio do próprio projectá-lo-á na contemplação narcísica que gera o pavor, mas não a *ataraxia* e muito menos a *pacificação*. Interessantemente, Agustina Bessa-Luis¹⁵, invocando Miguel Torga, que era médico, para lembrar que *um órgão que se sente demais é órgão doente*, concluiu que hoje se dá *uma importância tão grande ao sexo que a sociedade está aterrorizada*. Acrescentou depois: *Há um pânico qualquer que predomina e que é auxiliado por determinadas formas laboratoriais de instalar o terror*. E não quero deixar de dizer que certas dessas fontes laboratoriais estão de tal modo presentes na nossa contemporaneidade que se tornam mesmo inconscientes, não só nos *consumidores* mas também nos seus *produtores*.

A consciência do corpo tem implícita a *temporalização* e a *espacialização* do ser humano. É também condição

para que se tornem distintos o *interior* do *exterior*, tal como o *externo* do *interno* – o que possibilita o aparecimento das *metamorfozes* e dos *processos* fantasmáticos da saúde e da doença.

Do movimento é que, psicologicamente, se abstrai o tempo e o espaço contínuos da física newtoniana, assunto cuja revisão farei também noutra oportunidade, e não o contrário, isto é, o tempo e o espaço não são realidades pré-existentes em relação ao movimento.

A desocultação, pela fixação ao espaço, *espaço que mata o tempo*¹⁶, é motivo de temor, pelo risco figurado da perda da identidade e pela evidência da degradação (ou *corrupção*, como diria Aristóteles) e da morte.

Nas culturas arcaicas, como mostrou Mircea Eliade¹⁷, e de um modo geral em todas as culturas, incluindo esta nossa em que o carácter consumista não esconde o circular do tempo, segundo as festas que estão relacionadas com o *ciclo solar*, a tentativa de recusar a irreversibilidade da vida é o que permite também recriar o espaço primordial que tende a implicitar-se sempre que não é feita a sua clara descoberta.

Até na origem de um novo ser humano, isto é, na gravidez, a sua implicitação é interessantíssima. Ocorre simultaneamente no seio da mãe e em si próprio. Então, a mulher oculta o filho no seu interior e só o dá à luz quando viável e, correlativamente, quando a sua forma o torna aceitável pelos outros. Esse estado vai prolongar-se depois do nascimento. De início, o cérebro do recém-nascido é ainda o cérebro da mãe. O aparecimento da consciência reflexiva necessitará de mais demorado crescimento da criança.

Pelo seu interesse, refiro também que o próprio corpo da mãe tende a implicitar-se. Nem mesmo as alterações morfológicas e funcionais são condição suficiente da descoberta. Primeiro, o sentido de plenitude da gravidez e, depois, o fascínio da criança (qualquer deles destruidores de muitos casais), tal como as respectivas contrariedades no caso da gravidez não desejada, tendem a desviar a atenção, ocultando o corpo (e destruindo também o casal).

DESCOBRIR O CORPO

A descoberta do corpo, sob qualquer das suas formas, desperta receio, ou mesmo pavor, pela evidência da temporalização e da espacialização do viver e das suas múltiplas consequências.

A descoberta do corpo foi e é feita sob múltiplas formas. Considerarei, em particular, a religiosa, a artística e a científica.

1. Na vivência religiosa se fez pela primeira vez, certamente, a descoberta do corpo. De modo particular pelo

conhecimento da morte^{18,19}.

A sepultura mais antiga que se conhece situa-se numa gruta de Chu-k'utien, na China, e terá mais de 400 000 anos²⁰. E pelo menos há 60 000 anos o cadáver terá recebido já honras fúnebres, sendo colocado sobre uma camada de plantas, adornada de flores, antes de ser enterrado, como acontece no nordeste do Iraque, próximo da aldeia de Shannidar, nas montanhas de Zagros²⁰.

São conhecidos também os cuidados que os Egípcios tinham com os seus mortos.

Perspícua é a afirmação de que os ritos de sepultura indicam que quando se colocava um corpo num túmulo se acreditava que ao mesmo tempo se metia lá alguma coisa com vida¹⁹...

O reconhecimento do corpo como *morada* da alma, bem como as respectivas recomendações morais, que são múltiplas, deixam explicitada a descoberta do corpo, como é evidente nas cartas de S. Paulo e em múltiplas manifestações da cultura dos diversos povos, designadamente o português. Aí, muitas vezes pode avultar o carácter negativista do corpo como prisão da alma ou seu carcereiro, mas a concepção do *corpo glorioso*, da ascensão de Cristo e da assunção de Nossa Senhora aos céus relevam a *descoberta* do próprio corpo no mais positivo de todos os sentidos.

Está outrossim já esboçado o estudo que nos mostra como o confronto das culturas hinduístas, órfico-pitagóricas e platónicas, por um lado, com as culturas hebraica e judio-cristãs, por outro, releva a importância do corpo, descoberta nos alvares da consciência humana²¹.

2. A arte, religiosa ou profana, é ainda uma via da descoberta do corpo.

As estatuetas mais antigas que se conhecem são tidas como imagens religiosas. Lembremos a Vénus de Willendorf e a de Lespugue⁹. Certos relevos pré-históricos esculpidos em paredes de grutas têm o mesmo sentido, como o que se encontra em Laussel⁹. Nestes exemplares o corpo é dado a conhecer, embora, seguramente, ainda com carácter religioso, na explicitação dos desejos que possam encomendar-se às divindades. Não são retratos como hoje os entendemos. Estes virão muito depois. As deusas mãe esculpidas na Grécia, pelo menos desde o século VIII A.C., de que é um belo exemplo a descoberta perto de Esparta²², incorporam no feminino os femininos motivos das preces: a fecundidade, a saúde a segurança, etc..

A este propósito, a escultura grega arcaica tem muito interesse¹¹. Refiro duas estátuas, uma feminina, de cerca de 650-625 A.C., e outra masculina, de 600 A.C., chamadas Koré e Kouros. São as mais antigas estátuas humanas que se conhecem, em tamanho natural, sem qualquer apoio, de

vulto redondo e de pedra¹¹.

Existem múltiplos exemplares semelhantes. Note-se que, dessas, a figura masculina aparece desnudada e a feminina vestida, o que, a meu ver, tem importante significado cultural que agora vou muito rapidamente considerar.

É sabido que também na Grécia só tardiamente Afrodite deixou de ser figurada completamente vestida para aparecer completamente nua^{11,23}. A célebre estátua encontrada em Milo aparece ainda enroupada das ancas para baixo e as que se apresentam nuas são representadas em posição que ocultam as partes genitais. A célebre *Vénus de Cirene*, desnuda, é romana, e é do 1º. século A.C..

Ao procurarmos nas artes plásticas a *descoberta do corpo humano* sempre encontraremos, tanto na Antiguidade como desde então até hoje, o carácter alegórico das representações. João José Cochofel (24) falou da *superação anatômica*, um conceito que importa reter, embora para exprimirmos a *implicação* de que tenho vindo a falar. É sabido, por exemplo, que o discurso de Homero sobre a origem da guerra de Tróia foi contestado sob a alegação de que Helena não poderia ter sido suficientemente bela para dar origem a uma guerra de dez anos... A beleza de uma estátua que Paris teria levado para Tróia, isso sim, podê-lo-ia ter sido!²⁵.

Nas artes da Idade Média e do Renascimento encontramos as expressões culturais das respectivas culturas.

O *modernismo* e o *pós-modernismo* emergiram como reacção da convergência de certas ideias que fazem parte da estrutura cultural da modernidade: *secularismo*, *individualismo*, *burocracia* e *pluralismo*^{26,27}. Neles vamos encontrar, com os indícios do vazio criado por uma cultura fragmentista, também a afirmação dos valores culturais coetâneos, pelo que, embora muitas vezes paradoxal, a sua contribuição para o conhecimento do homem me parece muito importante.

Os perigos que a *descoberta do corpo* em todos os casos revela são notórios no domínio da arte, porque é a própria civilização que fica ameaçada, se por civilização entendermos – e, a meu ver, bem! –, como Eduardo Lourenço propôs, *o esforço insólito e grandioso para não nos vermos nus e simultaneamente a nostalgia profunda de uma impossível nudez*²⁸.

3. Certamente que quando se fala abstratamente da *descoberta do corpo* se espera que seja abordado o *contributo científico* para o efeito.

Falando, agora, da *descoberta do corpo* não irei considerar o caminho histórico percorrido, mas antes o que me parece ser o *ânimo* do conhecimento científico como *aspiração* humana.

Também não considerarei em particular o contributo da chamada Antropologia Cultural, cuja importância já deixei apontada.

Será interessante reconhecer que a descoberta do corpo pelo conhecimento científico foi entregue à medicina, pelo que esta sempre foi tida como uma profissão atemorizadora²⁹. A anatomia foi então um campo privilegiado. Logo de início, pode reconhecer-se que a anatomia usa a observação visual, mas que a exploração médica também utiliza a acústica, junta mais tarde com a *auscultação*³⁰, como isolada ou combinadamente, a táctil e vibratória, com a *palpação* e a *percussão*³⁰, tal como o olfacto e até o gosto já se lhe tinham agregado.

O privilégio da visão é, no entanto, claramente reconhecido no próprio nome dado ao instrumento que permite ouvir melhor: – *estetoscópio!*

Contudo, a observação sensorial cedo encontrou os seus limites naturais. E para além deles foram feitas descobertas muito importantes quando se utilizaram instrumentos construídos para o efeito ou aproveitados para o estudo.

Harvey (1578-1657), que descreveu a saída do sangue do coração pelas artérias e a sua chegada, ao mesmo, pelas veias, morreu sem saber como é que o sangue passava de umas para as outras. Depois da sua morte, em 1661, Marcello Malpigli (1628-1694), pôde verificar, no pulmão da rã, que existem, intermediamente, os *vasos capilares* (29-32. Passados séculos, com o aperfeiçoamento experimental, os estudos morfológicos puderam chegar ao nível molecular.

Neste universo, convém considerar particularmente as abordagens, muitas vezes combinadas, da microscopia, da histologia, da endoscopia e da imagiologia dos raios X, da cintigrafia, da ressonância magnética e da angiografia³³⁻³⁵.

Com a *anatomia*, a *fisiologia* permite conhecer não só os processos de funcionamento do organismo e dos órgãos mas também os nutrientes e os produtos de excreção, bem como os produtos de secreção e as correlações inter-orgânicas e intercelulares.

A *bioquímica*, e hoje já a *bioquímica/biofísica*, depois de passadas as fases da *química orgânica*, da *química biológica* e da *química fisiológica*, permitiu caracterizar os seres vivos, com o conhecimento da sua composição bioquímica e o conhecimento dos fluxos, dos equilíbrios metabólicos, das características estruturais e dos fenómenos de transporte^{36,37}. Possibilitou o conceito de *homeostase* e permitiu a emergência da *imunologia* e da *genética*. À *fisiologia* permitiu a consideração da totalidade do ser vivo e a definição do *síndrome geral de adaptação* e das respostas às estimulações que evidenciam os seus

limites (o chamado síndrome de *stress*).

Na medicina, é então possível distinguir, hoje, as *ciências médicas* (emergentes da observação estritamente médica - a *semiótica*, a *patologia* e a *clínica*) e as *ciências biomédicas* situadas nos três domínios de que falei (anatomia, fisiologia e bioquímica/biofísica). A *biologia celular* é uma área de confluência, cuja existência aponta o pragmatismo de muitas das formulações da ciência.

Do conjunto dos conhecimentos adquiridos neste campo, penso dever salientar agora o carácter metodológico geral, e evidenciar alguns resultados que, a meu ver, são da maior importância.

3.1. Para além dos limites da observação imediata, a capacidade de observação foi aumentada *instrumentalmente* por técnicas cuja diversa natureza permite a sua distinção.

Foi possível também, tendo em mente as noções entretanto adquiridas, passar a tratar os fenómenos bioquímicos referindo-os à *quantidade de substância* e não propriamente à *massa*³⁷.

Temos, em todos os casos, o mesmo esquema heurístico: utilizam-se energias de uma dada natureza que na sua relação com o *corpo* permitem a obtenção de sinais cujo tratamento conduz à obtenção de imagens, de números ou de outros registos. O corpo todo, os seus órgãos e/ou as suas células serão, assim, colocados na posição de *transdutores* de energia, permitindo obter a informação desejada.

Considerando o problema no seu conjunto, penso dever dizer-se que, por mais emocionante que seja (e é!) a obtenção desta informação, ela deve ser sempre referida ao ser humano que é também o destinatário do saber, através do operador, destinatário com quem a comunicação se deve estabelecer, simultaneamente, nas actividades da inteligência, da afectividade e da vontade. É evidente que tudo isto decorre, agora, no universo *macrocósmico* ou seja ao nível de representações analógicas dos dados sensoriais, pelo que, no caminho operatório, o paradigma não deve ter sido nunca eliminado.

O universo *microcósmico*, aquele que a matemática permite construir e a que os sentidos não têm acesso, pela sua natureza básica necessita de integração adequada.

A ciência, porém, conduz sempre a *criações artificiais*, mesmo no limite da simples observação imediata. O corpo da anatomia, descoberto por Vesálio, não deixa de ser uma *invenção*, como se pode reconhecer pelas suas magníficas gravuras, então publicadas. O mesmo se pode dizer das imagens que as técnicas mais recentes hoje nos possibilitam. Sempre que um interessado consulente (ou até um simples circunstante) vê o médico a observar, por

exemplo, uma simples radiografia da cabeça, não deixa de se sentir arrepiado, e mais ainda se for, por exemplo, uma angiografia cerebral ou cardíaca.

A tomografia axial computadorizada, obtida por raios X ou por ressonância magnética, com todos os seus aperfeiçoamentos, situa-se ainda a esse mesmo nível.

Que dizer, depois, de uma gamagrafia, por exemplo, também óssea ou tireoideia?

E o que dizer da ecografia e da ecografia com utilização instrumental do efeito de Doppler?

Teremos, em todos os casos, imagens *construídas*.

E o importante será, em todos os casos, harmonizar o resultado do estudo no conjunto do conhecimento.

3.2. Agora referirei apenas alguns dos aspectos que evidenciam os modos como a ciência permite acrescentar o saber e o poder.

3.2.1. O ser humano sofre *metamorfoses* que podem ser evidenciadas pelo seu corpo³⁷. A *ontogénese* reconhece-se também na *forma* do corpo.

Esta descoberta põe em evidência os dois limites da consideração individual (o nascimento e a morte) e evidencia a necessidade aristotélica de distinguir a *potencialidade* e a *actualidade* do ser, ou o ser *actual* e o ser *potencial*.

Penso que hoje o problema da vida humana individual, tanto no seu início como nas suas diversas metamorfoses, tem o mesmo interesse científico que em tempos teve o da *geração espontânea*, que Pasteur resolveu há pouco mais de 150 anos. Havia então quem não acreditasse nos micróbios, porque os não via. E hoje há quem não acredite no ser humano quando lhe não reconhece um *convencionado* estado metamórfico! No entanto, temos já a promessa do conhecimento *completo* do genoma humano, e, como forma temporalizada e espacializada, essa parece ser também uma descoberta que não deixa de causar temor... embora, evidentemente, se situe apenas no domínio dos signos!

3.2.2. Os conhecimentos da homeostase e da renovação permanente da matéria corporal permitem evidenciar a tendência ou tendencialidade *teleonómica* do ser vivo⁶. Sabendo-se que um organismo vivo se mantém identificável quando todas as suas células e moléculas continuamente se renovam, em tempos próprios³⁷, penso ficar em evidência a *forma*, que desde Aristóteles se chama *alma*.

3.2.3. A possibilidade de caracterizar os seres vivos pela tríade *estrutura-energia-reservas*, que eu próprio tenho vindo a propor, permite descobrir aspectos complementares no ser humano e *principiar* o estudo científico especificado da Biologia³⁷. A consideração isolada de qualquer desses aspectos não tem sentido, e o

seu desenvolvimento desequilibrado ou autonomizado é patológico.

3.3. Sabendo-se que a ciência acrescenta o *poder*, e que o conhecimento funcional é hoje a forma mais refinada de *propriedade*, como afinal talvez tenha sido sempre, reconhece-se que é da actividade da ciência que nasce a necessidade de evidenciar a ética – cuja actividade é, na verdade, correlativa do próprio pensamento.

ESTUDAR O CORPO

Os medos despertados pela descoberta do corpo apelam para que o seu estudo esclareça tanto o processo cognitivo como o próprio significante (o objecto), mas conduzem às eminências de novas descobertas e inerentemente ao despertar de novas angústias.

Ficou referido que, no seu viver, se podem implicitar os diversos aspectos do ser humano, e como, neste domínio, toda a sua descoberta é sentida como perigosa.

Será ao estudo, cuja possibilidade é apontada pela descoberta, que compete esclarecer as consequências do conhecimento; e será também por ele que novas descobertas serão feitas...

Actualmente, porém, muito nos falta ainda conhecer para que a nossa actividade médica possa ser exercida com tranquilidade. Há cerca de trinta anos, entre nós, Barahona Fernandes relevava o facto de que *a mesma enfermidade pode ser influenciada por estímulos físicos, por efeitos psicológicos ou por condicionamentos comunitários e pela comunicação espiritual*³⁸. Contudo, ainda hoje se reconhece *que faltam definições globais sobre o funcionamento unificado do ser humano*, sendo a sua procura o caminho dos projectos e da descoberta, como apontou Jaime Milheiro³⁹ numa valiosa reflexão sobre o estado da *psicossomática*.

A necessidade do estudo fica então apontada.

Penso dever salientar também que o estudo não pode deixar de ser conciliado com dois aspectos funcionais da aspiração humana – *o ensinar* e *o aprender* –, pelo que a *pedagogia* aparece agora também à procura do seu tempo e do seu lugar.

Sabendo-se como se situa epistemicamente a *pedagogia*, reconhecer-se-á que hoje, de um modo geral, lhe não é dada a importância que realmente merece, em nenhum dos múltiplos aspectos sob que deve ser considerada.

Neste sentido, desejo ainda explicitar claramente que os conhecimentos adquiridos na descoberta do corpo só podem ser compatibilizáveis em todos os estados do seu estudo, se as suas marcas de origem não forem apagadas no próprio processo de estudo ou como consequência

deste. Quero eu dizer que o carácter *humano* do conhecimento deve ser mantido durante todo o estudo, e que, para tanto, devem ser tomados os cuidados necessários para não inutilizar nem os *objectos* nem os *resultados* do estudo, como acontece ainda hoje vezes demais.

É verdade que a ciência cresce não por soma de conhecimentos mas por integração dos elementos novos que motivam rearranjos globais do sistema cognitivo. E, para que tanto se torne possível é necessário que os elementos novos pertençam realmente ao *sistema*. Muitas vezes – é certo – tal reconhecimento é difícil e demorado, mas aí se joga um *princípio de inteligibilidade* sem o qual a própria ciência não seria possível.

CONHECER O CORPO

A saúde e o seu restabelecimento depois da doença são correlativos da integração do viver (ou da consciência da sua possibilidade) em que, na dinâmica vital humana, tendencialmente implicante do corpo, se compatibilizam, no ser, o estar, o ter e o haver.

A *Modernidade e a Pós-modernidade* evidenciaram tensões criadas por díades importantes na dinâmica da individuação como, por exemplo, *socialização-individualização*⁷. Penso que no longo processo da *Modernidade*, cujo fascínio permitiu a criação de múltiplos *mitos científicos*, acabou por ser obliterada, por motivos epistemológicos, a noção de *causa final* e que, por isso, na *Pós-modernidade*, o futuro deixou de ser *significante*.

Como consequência, a evidência do espaço tornou-se mais fixante, e o corpo – o *significante flutuante* de que falei – é hoje uma referência inocultável e também, por isso, talvez, mais opaca e densa!

Como diz Gilles Lipovetsky, *no momento em que a informação se substitui à produção, o consumo de consciência torna-se uma nova bulimia: ioga, psicanálise, expressão corporal, zen, terapia primal, dinâmica de grupo, meditação transcendental; a inflação económica responde à inflação psi e o formidável surto narcísico que esta engendra*⁷.

Por tudo quanto ficou esboçado anteriormente, compreende-se como foi possível a realização deste quadro cultural.

Obscurecida no ser humano a tríade corpo-alma-espírito, escondida a noção da inevitabilidade das suas metamorfoses, encoberta a evidência da alma, pela dinâmica da ciência, e desconhecida a complementaridade triádica *estrutura-energia-reservas*, os dados da consciência aparecem erráticos e o seu significado aleatório...

A realidade humana é naturalmente uma realidade

fluente que constrói o espaço e o tempo por necessidade de crescimento, na confiança de um sistema, como os pássaros constroem os ninhos para crescer nos filhos e fazê-lo em segurança. O corpo em que o ser humano se estrutura pode conhecer, então, as oscilações que nesse fluir a focalização do espaço e do tempo lhe imprimam, fazendo-o esvaziar do seu conteúdo próprio...

A descoberta do corpo que até agora foi feita é um processo gnóstico que permite o esclarecimento estruturante da consciência, na relação do eu com Deus, com o outro, consigo mesmo e com o mundo.

A integração do conhecer no ser não pode dispensar o processo aquisitivo do conhecimento. A *pedagogia* não pode ser dispensada mesmo que não tenha sido atingido o nível da consciência clara, e mesmo que nem sequer tenha sido questionada, como acontece nas sociedades arcaicas em que se não verifica ainda a fragmentação do ser.

No ser humano, corpo, alma e espírito, não deverá deixar-se sem consideração a entidade intermediária, a alma, que não pode sumir-se no corpo nem escapar-se com o espírito, como também o espírito e a alma não podem fazer *negócios* sem o corpo...

A comunhão do ser humano que conhece com aquilo que é conhecido deverá ser reencontrada para que o *sujeito e o objecto* (do conhecimento) se não dissociem, não afastem e não lutem. Só assim será impedido o mergulho no mundo infernal dos signos que impede o reconhecimento da alma pacificada no conjunto do ente que é afinal *ser em movimento*.

Conhecer o corpo terá, de facto, um sentido quando se evidencie o problema aberto da pacificação (nunca garantida!) do ser, do ter, do estar e do haver.

CONCLUSÃO

A descoberta do corpo é um processo cognitivo progressivo, com intermitências, individual e colectivo. Por isso, é também um processo biográfico e histórico.

Tendencialmente, o corpo *implicita-se* no viver humano. Parece que só a dor nos concentra no corpo. A *descoberta* do corpo é correlativa da descoberta da temporalidade e da espacialidade do Eu: – da irreversibilidade do viver humano, da sua evanescência e fenomenalidade ou aparição...

Por tudo isso – designadamente porque externaliza e internaliza, porque dá a conhecer e conhece e porque situa a vida num fluir cujo sentido se revela não assegurado – *a descoberta do corpo é sempre motivo de temor*.

O corpo é com a alma e com o espírito, na continuidade da geração e na particularidade da individualização, espelho do nascer e do morrer em que flue a vida humana e, por

isso, espelho onde a transitividade pode ser descoberta e contemplada. Embora, por ele, possamos adoecer, sofrer e morrer, é também com ele que realizamos a saúde (e curamos das doenças), conhecemos (e amamos) e realizamos a nossa humanidade na descoberta do sentido da eternidade.

Nas diversas culturas, como a antropologia nos mostra, o *significante* que é o corpo pode ter diversos *significados* e os seus aspectos valorizações diferentes, mas será sempre pelos seus movimentos e pela sua impressionabilidade que descobrimos os outros e o mundo.

As alegações frequentemente feitas sobre os *direitos do corpo* e os *direitos sobre o corpo* não passam de fantasmáticos exorcismos utilizados muitas vezes com grande sargeza na luta pela sobrevivência. Poderá concluir-se que é o conhecimento como vivência que possibilita a harmonização correlativa do *ser*, do *ter* e do *estar*, pelo menos nos períodos prenantes que são os verdadeiramente criacionistas.

BIBLIOGRAFIA

1. RIBEIRO A: A Razão Animada - Sumário de Antropologia. Livraria Bertrand. Lisboa. S/data (1957)
2. HIPÓLITO-REIS C: Antropologia do adoecer humano. Brotéria 1994; 425-443 e 563-582
3. SNELL B: A Descoberta do Espírito. Tradução portuguesa. Edições 70. Lisboa. 1992
4. JUNG GG: O Homem à Descoberta da sua Alma. Tradução portuguesa. Coleção Filosofia e Religião. Livraria Tavares Martins. Porto. 1962
5. GIL J: Metamorfoses do Corpo. Coleção Antropos. Relógio d'Água. 2ª Edição. Lisboa. 1997
6. MONOD J: O Acaso e a Necessidade. Tradução portuguesa. Publicações Europa-América. Lisboa. 1972
7. LIPOVETSKY G: A Era do Vazio. Tradução portuguesa. Coleção Antropos. Relógio d'Água. Lisboa. S/data
8. RÜPPEL E: A Captação da Realidade segundo S. Tomás de Aquino. Publicações da Faculdade de Filosofia. Coleção Filosofia. Livraria Cruz. Braga. 1974
9. BURENHULT G (Responsável pelo texto): O Amanhecer da Humanidade - Os Primeiros Homens. Tradução portuguesa. Coleção Enciclopédia Ilustrada da Humanidade. Círculo de Leitores. Lisboa. 1995
10. BURENHULT G (Responsável pelo texto): Povos da Idade da Pedra. Edição portuguesa. Coleção Enciclopédia Ilustrada da Humanidade. Círculo de Leitores. Lisboa. 1995
11. JANSON HW: História da Arte. Tradução Portuguesa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª. Edição. Lisboa. 1982
12. HÄRING B: Medicina e Moral no Século XX. Tradução portuguesa. Editorial Verbo. Lisboa, 1974
13. RODRIGUES AM: A dor do outro em Esquilo. In Corpo Mente - Uma Fronteira Móvel. Editora Anna Elisa de Villemor Amaral Güntert. Casa do Psicólogo. S. Paulo. 1995: 37-48
14. HIPÓLITO-REIS C: Sexualidade humana - ensaio para uma semiologia. In Sexualidade Humana - Onze reflexões. Associação dos Médicos Católicos Portugueses. Porto, 1987: 111-138
15. BESSA-LUÍS A: Sobre o sexo e outros enigmas (Entrevista com Alexandra Lucas Coelho). Pública (Revista de O Público) 1999, 31 Outubro; 22-32
16. SPENGLER O: La Decadência de Occidente. Tradução castelhana. Colección Austral. Madrid. 1998; Vol I: 317-318
17. ELIADE M: O Mito do Eterno Retorno. Edição portuguesa. Coleção Perspectivas do Homem. Edições 70. Lisboa, 1978
18. ARIES P: Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média. Tradução portuguesa. Teorema. Lisboa, 1988
19. MADALENA JC: A morte nos tempos. Rev Psiqiat FMP. III Série (XX) 1998, 3-4 Jul-Dez, 20-28
20. Ao Encontro do Passado. Obra concebida por Dorling Kindersly Ltd, Londres. Tradução portuguesa. Edição de Selecções do Reader's Digest, SARL. Lisboa, 1985
21. COUTO A: O corpo na teologia. Igreja e Missão 1992, Jan-Dez. 131-156
22. LEVI P: Grécia - Berço do Ocidente. Tradução portuguesa. Coleção Grandes Culturas e Civilizações. Círculo de Leitores. Lisboa. 1991
23. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Vénus. Vol. 34. 599-608
24. COCHFEL JJ: Iniciação Estética. Coleção Saber. Publicações Europa-América. Lisboa. 1958
25. PANOFKY E: Idea: A Revolução do Conceito de Belo. Tradução brasileira. Martins Fontes. São Paulo. 1994
26. GABLIK S: Has Modernism Failed? Thames and Hudson. London. 1992
27. WOOD P, FROSCIREA F, HARRIS J & HARRISON H: Modernism in Dispute. Art since the Forties. Yale University Press. New Haven & London. 1993
28. LOURENÇO E: O Espelho Imaginário. Pintura, anti-pintura, não pintura. Coleção Arte e Artistas. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa. 1981
29. BOORSTIN DJ: Os Descobridores. Tradução portuguesa. Gradiva - Publicações, Lda. Lisboa. 1987
30. PEREIRA MM: História da Medicina Contemporânea. Segundo volume. Sociedade de Expansão Cultural, Lda. S/data
31. TAVARES DE SOUSA A: Curso de História da Medicina. Das origens aos fins do século XVI. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1981
32. ROCHA BRITO A: Harvey e a Circulação do Sangue. Coleção Forum. Editora Educação Nacional, Lda. Porto. 1944
33. PEREIRA MM: História da Medicina Contemporânea. Volume I. 2ª. Edição. Sociedade de Expansão Cultural, Lda. Lisboa. 1954
34. VON REUTERN GM & VON BÜDINGEN HJ: Ultrasound Diagnosis of Cerebrovascular Disease. Georg Thieme Verlag Stuttgart. New York. 1993
35. ISSELBACHER KJ, BRAUNWALD E, WILSON JD, MARTIN JB, FAUCI AS & KASPER DL: Harrison's Principles of Internal Medicine. International Edition. Thirteenth Edition. Vol 1 e Vol 2. McGraw-Hill. New York. 1994
36. HIPÓLITO-REIS C: A Bioquímica nos currículos dos cursos médicos das escolas portuguesas. O Médico 1987; 117: 224-229
37. HIPÓLITO-REIS C: Homeostase e cibernética em bioquímica. In Bioquímica. Edição revista. Coordenação de Manuel Júdice Halpern. Lidel - Edições Técnicas. Lisboa. 1997. 305-314
38. FERNANDES B: Filosofia e Psiquiatria. 1º Volume. Coleção Biblioteca Filosófica. Atlântida. Coimbra. 1996
39. MILHEIRO J: Psicossomática estrutural: o facto psicossomático. Rev Port Psicossomática 1999; 1 (2): 17-29
40. BERDIAEFF N: Cinco Meditações Sobre a Existência. Tradução portuguesa. Coleção Filosofia e Ensaio. Guimarães Editores. Lisboa. 1961